

Antena

ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

PUBLICA-SE AOS SABADOS

Redação e administração: Largo da Sé n. 5 (Sôl.)

Número avulso: Da semana, 1200; alheado, 1200

A inserção de anúncios na 4.ª página é feita mediante preços convenientes.

ENDEREÇO PARA A CORRESPONDÊNCIA:

CAIXA POSTAL N. 105 — S. PAULO (BRASIL)

ENDEREÇO TELEGRAFICO: LANTERNA

PREÇO DE ASSINATURA:

ANO, PARA TODO O BRASIL, 10\$000 (SEMANTE, IDEM 6\$000

PARA O ESTRANGEIRO, ANO 15\$000

O pagamento deve ser feito sempre adiantadamente

DA PORTA DA EUROPA

Ferrer Novamente Executado!



Francisco Ferrer

Ferrer foi executado pela segunda vez: a primeira, em carne e osso, pelos clericais e militaristas da Espanha; agora, no seu monumento simbólico de Bruxelas, pelos militares da Alemanha imperialista. Como devem saber, as autoridades militares da capital belga mandaram retirar da praça pública a memória que os livres pensadores, aleando motivos de propaganda, tinham erigido ao nobre mártir de Montjuich, aliás contra a vontade expressado comemorado.

A destruição das artísticas catedrais e as violências exercidas contra o cardinal Mercier e os padres belgas foram um excelente serviço prestado ao clericalismo, que não deixará de pôr a render para sempre, com pingues juros, aquele glorioso martírio.

E se os invasores tivessem poupado os anticlericais e respeitado o monumento a Ferrer, não havia de ser isso uma prova frisante de mostruosa cumplicidade entre uns e outros na obra atroz de devastação e vandalismo? Não havia isso de constituir um rendoso assunto para a «boa imprensa» e para as prédicas dominicais? Verdade seja que ainda se poderá dizer que a destruição do monumento foi uma pura comédia, feita de comum acordo entre sinistros aliados.

Os militaristas! Quiseram compensar os clericais, mostrar a sua imparcialidade, dar provas do seu espírito retrógrado, demonstrar que não era por falta deste que reprimiam as manifestações antireligiosas dos padres, e depois de muito cogitar, que encontraram eles, os militaristas, na sua espessa mentalidade de caserna? Aquela pesada habilidade, à qual bem se pode aplicar o dito popular: sobre queda, coice.

Talvez tenham pretendido igualmente premiar as simpatias dos germanófilos clericais da Espanha, que ainda há pouco reclamavam do governo belga a retirada do monumento agora desfeito pelos seus amigos tudescos. E os clericais espanhóis, na sua cegueira fanática, são capazes de folgar com a proeza, como rejubilaram com o assassinato de Ferrer nos fossos da fortaleza sombria.

Mas a alegria será, como então, um erro de secretários feroces. O gesto estúpido dos alemães de Bruxelas, além de embasçar os que, como Haackel,

tanto protestaram na Alemanha contra o crime de Montjuich, desonrando-se depois com a defesa absurda do imperialismo kaiserista, vem apenas servir a memória de Ferrer e as ideias a que ele deu o pensamento e a vida, vem dar-lhes novamente retumbância e brilho, não só na Bélgica e na Espanha, mas em todos os recantos do globo.

Muitos foram os que não aplaudiram o monumento de Bruxelas, porque não aplaudem estátuas e santificações; mas, se tivessem previsto este incidente, a sua opinião teria sido porventura outra.

E o mesmo Ferrer, se pudesse assistir a este acto de brutalidade militarista, teria sentido um duplo contentamento — ante o derribo do que, na sua opinião, poderia favorecer o início duma espécie de culto e ante o novo serviço prestado à causa do seu pensamento livre pela incorrigível estupidez da prepotência e da intolerância.

Incorrigível, sem dúvida. Quem o duvidaria ainda, após o 13 de Outubro de 1909, tendo suposto até à última hora que a monarquia inquisitorial espanhola não ousaria o que foi sobre tudo um erro colossal, tendo esperado, até ao minuto em que chegou o telegrama fatal, a comédia da clemência régia? Quem o duvidaria ainda, após esta última habilidade de hipotatismo, havendo imaginado que o interesse dos invasores germanófilos seria darem ao mundo uma ilusão de liberalismo e tolerância?

Extraordinário destino o de Ferrer! Ele, que era um grande trabalhador dedicado e modesto, inimigo do ruído e da fama, libra-se subitamente, nas asas da celebridade e do martírio, às alturas luminosas dum símbolo, vivo e palpitante, limpo e impercível; e depois de ter fertilizado com o seu sangue o terreno fecundo das ideias novas, continua, na sua memória simbólica, a ser a vítima sempre triunfante e sempre semeadora!

Lisboa, 15 de fevereiro.

Nêno Vasco

BIBLIA VERMELHA

Tirem das festas de igreja os repiques de sino, os leilões de prendas, os fogos de artifício, os namoros de sacristia, as libertações das romarias, as teatralidades profanas e a concorrência dos festeiros reduzida a menos de um terço.

Lopes Trevilho.

A guerra europeia veio demonstrar que a sociedade humana não pode manter-se sob o actual regime econômico-político, isto é, sob uma organização baseada na exploração do homem pelo homem, na luta de um contra todos, no direito do mais forte, do mais poderoso, do mais rico e da solidariedade.

Orlando Corrêa Lopes.

Os governos, qualquer que seja o sistema, assim como as igrejas, seja qual for o credo, não são mais que instituições baseadas no embuste e na violência organizada, para explorar, oprimir e infanticar os povos.

Manuel Cavalcanti de Mello Filho.

UM INTERESSANTE CONCURSO

[Clericais versajadores: a postos!]

A notícia do nosso numero passado sobre este concurso foi vítima da urubecba clerical, pois entrou para a página sem ter sido corrigida, sendo por isso errado o ultimo verso da quadra-mote.

Publicamos-la, portanto, novamente:

Porque será que os mandões:
Do fisco não tem o gosto
De cobrar do padre imposto
De industrias e profissões?

Conforme dissemos, ao autor da melhor resposta será dada uma boa obra anticlerical.

Só entrará no julgamento do concurso as respostas recebidas até 3 de abril, quando o daremos por encerrado.

Ha um ponto sobre o qual é preciso insistir: as respostas deverão ter feitas exclusivamente em verso.

Fazemos essa observação por já termos recebido respostas em prosa.

Fica, pois, bem assente isto: desta vez somente os poetas tem a palavra.

DE PARIS

As preces pela paz

Pela vontade dum punhado de autocratas com alma de assassino, lançaram-se os povos uns contra os outros. Cometeram-se crueldades sem nome, foram queimadas cidades. Nada foi respeitado. E a guerra, que fez o representante do que dissera: «Bem-aventurados os mansos e sedentos de justiça...» Bem-aventurados os pacíficos...? Quando sob os escombros de Lovaina, Diant e tantas outras cidades belgas apreciaram os cadáveres dos martires da justiça; quando desabavam igrejas e catedrais; quando eram feridas inocentes vítimas, — que trejeito de horror esboçou a mão do pastor dos pastores? Nenhum.

Cristo morreu por ter pregado o amor entre os homens; por ter ousado dizer que era preciso amar o inimigo, fazer bem a todos sem distinção. No momento em que era necessário recordar aos homens esses preceitos, quem por seu sacerdotio tinha o dever de o fazer calou-se. Havia afissos na França, na Bélgica, na Alemanha, na Austria. Não devia o chefe da Igreja proclamar, quando estava aliada a tempo, que era impio matar-se uns aos outros e que só os pacíficos eram chamados filhos de Deus? Talvez isso tivesse sido a conjuração do cataclismo. Bastaria ter lembrado a palavra do Evangelho para deter os que tiravam a vida. Mas era a fé que faltava a todos.

Em todos os países, os que se engalanam com os ouropes da religião empurravam a roda. Quem não sabe o papel provocador dos jesuitas na Austria? Os católicos, ha muito tempo esquecidos de ser cristãos, foram os melhores obre-

iros da guerra. Servindo-se da doutrina de Cristo como duma máscara, são na realidade os duos defensores das más potências do passado, ignorância, odio, opressão. F. zem politica e são os pilares que sustentam as tradições nefastas. Por isso é que apelaram para a guerra, aplaudindo a carnificina em todos os países.

Na chusca europeia, a quem deram alento a sua simpatia? Aos pacíficos, aos famintos de justiça, às vítimas? Não. Em todos centros católicos das nações não beligerantes, não se absteram de proclamar altas preferências pela Alemanha, porque esta representa melhor o poder autocrático com que sonha o mundo negro. No pulvis, os padres da católica Espanha não ocultaram que a França, terra do pecado, e a herética Inglaterra mereciam um lição exemplar e que todos os seus votos eram por Guilherme II, representante das ideias católicas no mundo, apesar de luterano, por ser o mais puro símbolo do autoritarismo.

Da mesma forma procederam os católicos romanos. E o Vaticano aprovou com o seu silêncio. O papa não teve uma palavra de compaixão pelos povos dilacerados, nem sequer pelo seu clero belga, que aprendeu a não ser germanófilo convicto, como era antes, desde que numerosos padres e freiras travaram relações com os engenheiros da fábrica Krupp.

E hoje, esse papa que tolera todos os horrores, que seceitou a politica detestável das suas ovelhas, acha que deve sair da sua imobilidade. Quando sangram os países mutilados, quando é infesta a luta, quando os povos aliados voltam a si e esperam a ofensiva que quebrará o despotismo tudesco, quando fermenta a revolta nos imperios centrais, lembra-se o papa subitamente de que a paz é coisa benéfica e ordena preces!

Recebu falar quando devia falar. Recusou confessar a doutrina de Cristo, lançar o grito de amor às vítimas, o grito de anátema aos algozes. Os algozes eram graúdos, imperadores, nobres, chefes de confrarias, poderosos capazes de apoiar as reivindicações temporais do Vaticano. Dizem que Pio X morreu da guerra; Bento XV achou mais ajustado viver. E enquanto reza os deus da paz, que é exactamente o mesmo que o deus da guerra em nome do qual os católicos nacionalistas dos países beligerantes matam e soltam vociferões contra a paz, o papa representa um papel de subtil diplomata, mas de diplomata apenas. O que aliás não nos causa espanto, pois a Igreja foi sempre uma politica e não uma moral de redenção.

Que autoridade tem, pois, o papa para nos vir agora falar de paz?

Marcelo C.A.P.T.

Coleções completas da "Lanterna"

Apresenta-se agora uma excelente e unica occasião para os amigos da Lanterna adquirirem a coleção completa dos seus cinco annos de publicação, pois resolvemos vender as que ainda nos restam.

Disponham apenas de sete, que serão vendidas a 60\$, os cinco annos da presente fase, encadernadas em capa cartoadada. Só serão satisfeitos os pedidos que vierem acompanhados das respectivas importâncias.

PROPAGANDA CLERICAL

Os clericais franceses não cessam de tirar proveito da ocasião. Um leitor da *Estafette Syndicaliste* escreveu áquello jornal, queixando-se de que ele lhe é raríssima vez entregue no quartel onde se acha, ao passo que as gazetas e folhas avulsas clericais e reaccionarias tem entrada franca em todos os estabelecimentos militares, sendo distribuídas pelos soldados e orações, lamenteavelmente demais, como a seguinte:

«Oh! Senhor Jesus, imploro de vós tenhais sob a vossa protecção a humanidade e nos preserveis do mal, reconduzindo-nos a vós».

E no verso:

«Esta oração foi-me enviada e deve ser enviada por toda a extensão do globo. Copi-a e vereis o que succederá: foi escrita no tempo da Nossa Senhor Jesus Cristo, que disse que todos os que se convertessem a Deus e das calamidades e todos os que a desdenhassem sofreriam grande calamidade. Copi-a e envi-a a a 9 pessoas no espaço de 3 dias. Ao nono dia haveis de experimentar um grande alívio».

Como o pobre de espirito que acreditava nestas bobagens já estava predisposto para sentir esse vivo jubilo no nono dia, não admiramos que o papa não tenha dito nada de semelhante. A Bíblia já de ha muito que o havia assegurado: Jeová é o deus dos exercitos. Corredes, pois, e não vos desanimareis. A guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável. Não ha outra saída.

Concluindo, a guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau pode conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominável.

